

# Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira  
Janaina de Paula do Espírito Santo  
(Organizadoras)



# Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira  
Janaina de Paula do Espírito Santo  
(Organizadoras)



**Atena**  
Editora

Ano 2020

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Tais Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Culturas e história dos povos indígenas

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadoras:** Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Culturas e história dos povos indígenas [recurso eletrônico]  
/ Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do  
Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-366-8

DOI 10.22533/at.ed.668201609

1. Etnologia. 2. Povos indígenas – História. I. Pereira,  
Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula.

CDD 980.41

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Há, na construção tradição narrativa da realidade brasileira, ou do “Mito fundador” como chamou a Marilena Chauí, um lugar constante para as culturas e povos indígenas. Um lugar passivo, esquecido, padrão como toda tradição inventada: em que o real não ocupa tanto espaço quanto o que se espera ser: um indígena que não ocupa os dias atuais, mas pertence a dias esquecidos como influência.

Não é assim, por mais força que essa imagem tenha no senso comum, que os povos indígenas ocupam seus espaços e lutam por direitos, reconhecimento e conhecimento nos dias atuais. De fato, a própria ideia de “indígena» pode acabar por mascarar a realidade dos grupos e povos e identidades diversas que nos cabem no Brasil. Em todos os continentes, os povos indígenas permanecem enfrentando massiva discriminação, com impactos agravados quando se encontram em situação de minorias, étnicas e lingüísticas. Por isso é extremamente importante a reflexão proposta sobre esse tema. Na tentativa de avançar na desconstrução desse espaço imaginário do indígena mítico, que tem que ser substituído pelo reconhecimento de suas culturas ricas e diversas e de sua luta incessante. Essa cultura vasta e diversificada.

Disponos no Brasil de uma miríade de culturas e saberes, realidades materiais e imateriais. Tomar como objeto, significa, como bem lembra Manuela Carneiro da Cunha (1998) – a cultura global não existe como um imperativo absoluto, enquanto reconhecermos que o local não perde seu poder. Muito pelo contrário, continuam presentes e ativos, com seu espaço e presença enquanto objeto de investigação e de construção da realidade social brasileira.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira  
Janaína de Paula do E. Santo

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

A CRIANÇA GUARANI E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INFANTIL INDÍGENA NA ALDEIA KRUKUTU

Edna Ferreira

**DOI 10.22533/at.ed.6682016091**

### **CAPÍTULO 2..... 13**

DISCUSSÃO E CONSTRUÇÃO DE CURRÍCULO NAS ESCOLAS INDÍGENAS DOS POVOS DA REGIÃO DO TAPAJÓS-ARAPIUNS – AMAZÔNIA – BRASIL

Claudio Emidio-Silva

Rita de Cassia Almeida-Silva

Maria Lucia Martins Pedrosa Marra

**DOI 10.22533/at.ed.6682016092**

### **CAPÍTULO 3..... 23**

DESAFIO DOCENTE E AS PRÁTICAS INCLUSIVAS: O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) NA ESCOLA INDÍGENA DE RORAIMA

Catarina Janira Padilha

Leila Soares de Souza Perussolo

**DOI 10.22533/at.ed.6682016093**

### **CAPÍTULO 4 ..... 37**

A FUNÇÃO AFIRMATIVA DA BIBLIOTECA ESCOLAR COM A MANUTENÇÃO DA CULTURA INDÍGENA

Carla Patrícia Martins Albuquerque

Paulo Roberto de Souza Freitas

**DOI 10.22533/at.ed.6682016094**

### **CAPÍTULO 5..... 51**

ANÁLISE DO ENSINO PRATICADO EM UMA ESCOLA INDÍGENA: O CASO DA ALDEIA TUXA EM IBOTIRAMA, BAHIA

Adriana Maria dos Santos

Fábio de Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.6682016095**

### **CAPÍTULO 6..... 63**

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NO ALTO RIO NEGRO: ACESSO À EDUCAÇÃO NO CAMPUS IFAM – SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA/AM

Luclécia Cristina Moraes da Silva

Roberta Enir Faria Neves de Lima

Jefferson Aristiano Vargas

Maria Isabel Oliveira Silva

Joscival Vasconcelos Reis

Edilson Martins Melgueiro

**DOI 10.22533/at.ed.6682016096**

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>77</b>
CANÇÕES DO GRUPO RAÍZES CABOCLAS: A PRESENÇA DO LÉXICO INDÍGENA APLICADA À PEDAGOGIA DO ENSINO BÁSICO	
Karen Francis Maia	
Renato Antônio Brandão Medeiros Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6682016097</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>88</b>
DESCOLONIZANDO SABERES: UM DESPERTAR COM A TERRA NO ESTUDO DE OUTRAS EPISTEMOLOGIAS	
Aida Brandão Leal	
Rafaela Werneck Arenari	
Janaína Mariano César	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6682016098</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>97</b>
TRABALHO CÊNICO E TEÓRICO: “IKUÃNI” O CORPO DA ANCESTRALIDADE	
Regina Cláudia Moraes de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6682016099</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>107</b>
AUDIOVISUAL E CULTURA INDÍGENA NOS CURTAS METRAGENS DE ADEMILSON “KIKI” CONCIANZA	
Nicolly Cardoso Tiradentes de Souza	
Carolina Fernandes da Silva Mandaji	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66820160910</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>119</b>
ORALIDADES, MEMÓRIAS E NARRATIVAS MĚBĚNGÔKRE: HISTÓRIAS DE UM POVO “SEM ESCRITA”	
Dilma Costa Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66820160911</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>132</b>
MEMÓRIAS DE FAMÍLIA: RECONSTRUINDO A HISTÓRIA DE JOÃO TOMÁS, REVELA-SE UM PEDAÇO DA HISTÓRIA PANKARARU E DOS ÍNDIOS NO NORDESTE	
Alberto Reani	
Josélia Ramos da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.66820160912</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>146</b>
O MOCORORÓ E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS POVOS INDÍGENAS DO LITORAL CEARENSE - RESISTÊNCIA E ESPIRITUALIDADE NOS MODOS DE FAZER E CONSUMIR	
Carolinne Melo dos Santos	
Anna Erika Ferreira Lima	
Ana Cristina da Silva Moraes	

Mateus de Castro Ferreira  
DOI 10.22533/at.ed.66820160913

**CAPÍTULO 14..... 160**

INDICADORES NATURALES SOBRE LAS VARIACIONES CLIMÁTICAS QUE UTILIZAN LOS PUEBLOS INDÍGENAS DE LA AMAZONÍA PERUANA: CASO DE CUATRO COMUNIDADES NATIVAS DE UCAYALI Y MADRE DE DIOS.

Yolanda Ramírez Villacorta  
Oliverio Llanos Pajares

DOI 10.22533/at.ed.66820160914

**CAPÍTULO 15..... 175**

MANEJO FORESTAL DE BOSQUES COMUNALES: ESTRATEGIA PARA LA MITIGACIÓN Y ADAPTACIÓN AL CAMBIO CLIMÁTICO EN COMUNIDADES NATIVAS AMAZÓNICAS DEL PERÚ

Yolanda Ramírez Villacorta

DOI 10.22533/at.ed.66820160915

**CAPÍTULO 16..... 187**

PROCESOS DE DESCOLONIZACIÓN A PARTIR DE LA “EXPERIENCIA DE LA EXTRAÑEZA” COMO UNA EPISTEMOLOGÍA CONTRAHEGEMÓNICA PARA LAS TRANSFORMACIONES GLOBALES. UNA PERSPECTIVA FEMINISTA

Cornelia Giebeler

DOI 10.22533/at.ed.66820160916

**CAPÍTULO 17..... 202**

DA LÍNGUA AMEAÇADA ÀS POLÍTICAS DE FORTALECIMENTO: ASPECTOS DA SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DOS ASURINI DO XINGU

Rodrigo Mesquita  
Adriane Melo de Castro Menezes

DOI 10.22533/at.ed.66820160917

**CAPÍTULO 18..... 218**

AS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS E OS IMPASSES INTERÉTNICOS NA EFETIVAÇÃO DO CONSELHO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS POVOS INDÍGENAS DO TOCANTINS

Adriana Tigre Lacerda Nilo

DOI 10.22533/at.ed.66820160918

**CAPÍTULO 19..... 229**

WARMIPANGUI: CUERPO EN DISPUTA, CONTROL Y DOMINACIÓN

Enoc Moisés Merino Santi

DOI 10.22533/at.ed.66820160919

**CAPÍTULO 20..... 238**

TERRITORIO ZAPATISTA Y POLÍTICA CIUDADANA

Gloria Patricia Ledesma Ríos  
Nancy Zarate Castillo

**DOI 10.22533/at.ed.66820160920**

**CAPÍTULO 21.....248**

**A EXPERIÊNCIA DOS ‘ESCRAVOS DE CONDIÇÃO’ NO PROCESSO DE LEGALIZAÇÃO DO ESCRAVISMO INDÍGENA DO SÉCULO XVII**

*Antonio Martins Ramos*

**DOI 10.22533/at.ed.66820160921**

**CAPÍTULO 22.....258**

**INVESTIGAÇÃO DO USO DE ÁLCOOL EM INDÍGENAS KARIPUNA**

*Fernanda Matos Fernandes Castelo Branco*

*Divane de Vargas*

**DOI 10.22533/at.ed.66820160922**

**CAPÍTULO 23.....271**

**PARA ADIAR O FIM DO MUNDO: RESISTÊNCIAS NO PENSAMENTO-AÇÃO DE AILTON KRENAK**

*Fernanda Elias Zaccarelli Salgueiro*

**DOI 10.22533/at.ed.66820160923**

**SOBRE AS ORGANIZADORAS.....283**

**ÍNDICE REMISSIVO.....284**

## PARA ADIAR O FIM DO MUNDO: RESISTÊNCIAS NO PENSAMENTO-AÇÃO DE AILTON KRENAK

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 05/06/2020

**Fernanda Elias Zaccarelli Salgueiro**

Doutoranda em Filosofia pela Universidade de São Paulo

Este artigo é uma reelaboração da apresentação realizada no 3º Congresso Internacional Povos Indígenas da América Latina, em Brasília, em julho de 2019. Poucas semanas depois do evento, Ailton Krenak lançou o livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2019), que foi incluído nesta reanálise. Mesmo que anteriores ao fenômeno do Covid-19, as falas de Krenak em que o texto se baseia não poderiam se mostrar mais atuais.

**RESUMO:** Por meio de entrevistas realizadas nos últimos anos, e com apoio nos filmes *Ailton Krenak: o sonho da pedra* (Dir. Marco Altberg, 2018) e *Índios no Poder* (Dir. Rodrigo Arajeju, 2015, 21'), procuro aprender de que modo Ailton Krenak concebe possibilidades de resistências aos "surtos coloniais" que se renovam até os dias de hoje. Ao pensamento branco que, nas palavras de Davi Kopenawa Yanomami, não é senão esquecimento, Ailton Krenak contrapõe o entendimento. Apesar do elevado grau destrutivo do mundo da técnica e das certezas, proliferam do sábio Krenak ricas imagens de possíveis já existentes – janelas, paraquedas coloridos, sonhos, histórias, guerrilha cultural – que encontram sua origem na abertura da cosmovisão associada à dilatação do tempo. São

portais para suspender o céu e o fim do mundo que se anuncia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ailton Krenak, resistências, fim do mundo.

**ABSTRACT:** Through interviews conducted in recent years, and supported by the films *Ailton Krenak: the stone's dream* (Dir. Marco Altberg, 2018) and *Indians in Power* (Dir. Rodrigo Arajeju, 2015, 21'), I try to learn how Ailton Krenak conceives possibilities of resistance to the "colonial outbreaks" that are renewed until today. To the white thought that, in the words of Davi Kopenawa Yanomami, is nothing but forgetfulness, Ailton Krenak opposes the understanding. Despite the high destructive degree of the world of technique and certainties, rich images of possibilities already existing proliferate from the sage Krenak - windows, colorful parachutes, dreams, stories, cultural guerrillas - which find their origin in the opening of the worldview associated with the expansion of time. They are portals to suspend the sky and the end of the world that is already announced.

**KEYWORDS:** Ailton Krenak, resistances, end of the world.

### TEXTO

Este texto não é um exercício clínico de uma pesquisa de doutorado (embora eu seja doutoranda). Ele pressupõe um pensar com o coração e uma razão como afeto compartilhado. Aprender com os povos desta terra é uma busca infinita. Sempre foi preciso aprender com os

mais antigos, mas talvez agora a necessidade tenha se tornado ainda mais premente: estamos morrendo. Continuamos matando. O céu está em queda<sup>1</sup>. Será possível criarmos um paraquedas colorido?

## “surtos coloniais”

Nas histórias antigas de diversos povos das colônias espanholas, portuguesas e inglesas, conta-nos Ailton Krenak, os brancos aparecem como um irmão que se mudou há muito tempo e que “indo embora se retirou também no sentido de humanidade, que nós estávamos construindo. Ele é um sujeito que aprendeu muita coisa longe de casa, esqueceu muitas vezes de onde ele é, e tem dificuldade de saber para onde está indo”<sup>2</sup>. Ao voltar para casa, o branco dominava uma série de técnicas, mas não conhecia mais a si mesmo e não reconhecia seus parentes e sua terra. Esse esquecimento – que os brancos passaram a chamar de conhecimento, nas palavras de Davi Kopenawa Yanomami – nos cegou e nos levou à lógica de exploração do Outro.

“[O] Brasil moeu, liquidou 6 milhões de índios que haviam aqui; liquidou mais 12 milhões de negros africanos. Para quê? Para adoçar a boca do europeu com açúcar. Para enriquecer com o ouro de Minas Gerais”<sup>3</sup>, relata Ailton Krenak. As promessas voltadas para poucos às custas de muitos fazem parte de um amplo processo colonial que não se esgotou. Tal processo, longe de ser mero acidente, é a execução de um projeto. A serviço de quem nós o perpetuamos?<sup>4</sup>

## uma humanidade

A ideia de “uma” humanidade válida é o pressuposto e a meta de muitos de nossos equívocos. Trata-se de “uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida”<sup>5</sup>, para isso estruturando agências e instituições para promover seus ideais, como o Banco Mundial, a Organização dos Estados Americanos e a Organização das Nações Unidas. Apesar de agirem contrariamente às necessidades das nações indígenas e do próprio planeta, legitimam-se em nome “da humanidade que pensamos ser”.

Esta humanidade pasteuriza a pluralidade de formas de existência em um cardápio único imposto e pressionado até os limites das fronteiras. O ideal de igualdade que professa tem justificado a eliminação de todo modo de vida diverso<sup>6</sup>. Não por

1 Referência ao livro de Davi Kopenawa Yanomami e Bruce Albert, *A queda do céu* (São Paulo: Companhia das Letras, 2015).

2 KRENAK, A. “O eterno retorno do encontro”, in: NOVAES, A., *A outra margem do Ocidente*, SP: Companhia das Letras, 1999, p. 27.

3 Fala de A. Krenak no filme *O sonho da pedra* (2018).

4 “Então essa praga da ideologia colonial tem sobrevivido de uma maneira impressionante. A gente tem que questioná-la. E perguntar a serviço de quem nós continuamos a perpetuar práticas coloniais ou colonizadoras de relações” (Fala de A. Krenak no filme *O sonho da pedra*, 2018).

5 KRENAK, A. “Ideias para adiar o fim do mundo”, *Ideias para adiar o fim do mundo*, 2019, p. 11.

6 Op. cit., p. 33. O que deve nos atrair, segundo Krenak, são as nossas diferenças, não uma imagem protocolar aplicada a todos.

acaso, este “liquidificador”<sup>7</sup> foi produzido por meio da destruição da memória ancestral, da desterritorialização, da transformação de sujeitos coletivos em fragmentos e da compreensão de que se poderia viver sem a Terra, entendida como “a” natureza apartada – embora discursivamente defendida no “mito da sustentabilidade”.

Ora, os povos que reconhecem sua integração na natureza são justamente esta humanidade obscurecida ou secundária, são os que ficaram “esquecidos nas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes – a sub-humanidade”<sup>8</sup>. Este grupo de pequenas constelações que “ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar” sofre a intolerância de quem já se rendeu à vida zumbi e sem-sentido<sup>9</sup>. Esta sub-humanidade é condenada por não oferecer o seu quinhão “para o sucesso de um projeto de exaustão da natureza”<sup>10</sup> que, em último grau, realiza-se no fim do mundo.

### **“não tem agências aqui dentro” ou “a brincadeira da representação”**

Para alguns, a ideologia colonial é uma margem do Ocidente. Para Ailton Krenak ela é, antes, “uma outra margem onde cabe o Ocidente, cabe a ideia do progresso, cabe a ideia do desenvolvimento”<sup>11</sup>. É a margem que comportou todas essas violências que está em vias de engolir o restante do mundo e levá-lo junto consigo à implosão. Importa conhecer o interior dessa margem, o que talvez nos informe sobre o modo de combatê-la.

O evento com os portugueses foi um contato que não pode ser datado, à medida que se renova diariamente. A cada instante a relação com o outro se refaz e a colonialidade se reafirma ou se enfraquece, reproduz-se ou se contradiz. O Estado brasileiro tradicionalmente impôs um assunto aos povos indígenas, cabendo-lhe mandar e aos demais obedecer até que fossem extintos. Bem entendido o mal-entendido, não se tratava de uma conversa, mas de uma ameaça<sup>12</sup>.

Por isso, no empenho por produzir outros contatos, Ailton Krenak comenta que sua geração se empenhou em “gritar que essa terra é viva” e em “confrontar a ideia de que nós [povos indígenas] tínhamos acabado e que a ideia colonialista tinha sido vitoriosa”<sup>13</sup>. Além

---

7 Op. cit., p. 14.

8 Op. cit., p. 21-22

9 Krenak retrata isso em diversas passagens, mas gostaria de apontar de uma em que há uma *perda de sentido* nos deslocamentos provocada pela sua banalização proporcionada pela tecnologia. (KRENAK, “Do sonho e da terra, *Para adiar o fim do mundo*, 2019, p. 43).

10 KRENAK, A. “Do sonho e da terra”, *Para adiar o fim do mundo*, 2019, p. 41.

11 KRENAK, A. “O eterno retorno do encontro”, in: NOVAES, A., *A outra margem do Ocidente*, SP: Companhia das Letras, 1999, p. 29.

12 “O Estado brasileiro deveria pedir desculpas, chamar esses povos indígenas, suas lideranças, seus conselhos de representação, suas autoridades, chefes como o nosso chefe Raoni, e dizer: ‘Como vocês querem que o Estado se organize para conversar com vocês? Em que língua vocês querem que a gente fale com vocês?’ Antes do princípio de que eles vão falar com a gente em português, ou inglês, e nós vamos ter que enfrentar uma escolinha pra entender o que eles estão falando. Então é uma conversa de mudo com surdo, ou de surdo com mudo. Porque, na verdade, o Estado não quer conversar. O Estado quer, de cima pra baixo, imperar sobre nós. E que a gente atenda o comando do Estado” (KRENAK, A. “Índios em movimento”, em *Ailton Krenak*, RJ: Azougue, 2017, p. 48-49).

13 KRENAK, A. “Trajetos e ruínas”, em *Ailton Krenak*, RJ: Azougue, 2017, p. 105 e 107.

disso, tal geração de lutadores se dedicou a desconstruir a tese de que “reserva é lugar de índio”. Isso foi feito por meio da reorganização do movimento indígena, sobretudo em torno da UNI – União das Nações Indígenas, que congregou grande número de lideranças indígenas de todo o país e atuou fortemente na Constituinte de 1987.

Esse trabalho político buscou desconcentrar as vozes dos poucos grupos que eram atendidos pelo Estado e que impunham aos demais a sua agenda, ampliando o tecido de forças em disputa. O resultado da mobilização ficou impresso na Constituição de 1988 que, pela primeira vez na história do Brasil, afirmou a lógica anticolonial em uma norma jurídica, construindo as bases para o desenho de uma nova relação e de um novo “contrato social”<sup>14</sup>.

Contudo, o cenário das décadas de 1980 e 1990 se transformou profundamente:

O ambiente que nós vivemos hoje não tem aquele contorno de um Estado-nação onde uma minoria étnica ou um complexo de minorias étnicas formavam um pensamento panindígena para se colocar e ter voz dentro de um arranjo político geograficamente concentrado. Se as fronteiras do Estado-nação estão diluídas, nós temos que repensar também o lugar dessas demandas étnicas. O arranjo hoje é global. (...) As agências do Estado já foram todas desacreditadas. E desautorizadas. No caso do Brasil então isso é muito patente<sup>15</sup>.

A estratégia antes desenhada deixou de ser plenamente efetiva, o que conduziu diversos povos a uma mudança na sua política de resistência. De acordo com Krenak, não há mais agências dentro do Estado brasileiro. É dizer, o Estado é gerido por forças internas em conluio com forças internacionais no tabuleiro da divisão internacional do trabalho e do capital que ainda reserva ao país o lugar de colônia de exploração.

Os governos agem como funcionários de grandes corporações, nacionais ou estrangeiras, e dispõem das terras e das pessoas para satisfazer os interesses desses grupos, conformando um saque de uma parte do globo sobre outra:

Nós já chegamos ao ponto em que as corporações estão submetendo os nossos governos locais, não falo só de Minas, falo de Brasília, de todo lugar, onde nossos governos foram transformados em gerentes e as corporações dão ordem pra eles. E a gente ainda aceita aquela brincadeira da representação”<sup>16</sup>.

Diante de tais forças, afirma Krenak, é preciso findar com as ilusões no sistema representativo. No parlamento brasileiro, mostra-se elucidativo o ocorrido com Mario Juruna: “é como se nós tivéssemos sacrificado uma pessoa ilustre do nosso povo pra ver como funciona a política do branco. Ele saiu de lá incinerado. (...) [A] política do branco incinera caracteres, incinera pessoas e (...) é um sorvedouro de gente e de pensamento”. “Que qualidade de gente será que serve para ficar lá? Então, os índios têm que passar longe dessa representação política”<sup>17</sup>.

14 KRENAK, A., “Outras narrativas”, em *Ailton Krenak*, 2017, p. 13.

15 KRENAK, A., “Outras narrativas”, p. 16-17.

16 Fala de Ailton Krenak no filme *O sonho da pedra*.

17 KRENAK, A. “Índios em movimento”, em *Ailton Krenak*, RJ: Azougue, 2017, p. 49-50.

Tampouco é suficiente eleger líderes esclarecidos, uma vez que a experiência brasileira demonstrou que eles acabam reféns de uma “classe política inteiramente rendida ao mercado financeiro”, que busca reproduzir no país a lógica colonial<sup>18</sup>. Ailton Krenak sugere que o golpe de 2016 e a perseguição a lideranças demonstram o fechamento das instituições também do Executivo. Assim, o caminho da representação política tradicional se mostra uma via obliterada.

Por outro lado, Ailton Krenak por vezes considera a existência de uma potencial brecha institucional não aproveitada no Brasil. De fato, se tentativas de representação de povos indígenas dentro de um modelo de estado plurinacional avançaram em países como Venezuela, Equador e Colômbia, mostraram-se insuficientes por aqui, em que a forma democrática não foi efetivamente implementada: “[T]alvez a nossa omissão em relação a esse debate é que tenha colocado a gente na crise que estamos vivenciando hoje. Crise de paradigma mesmo do que se chama democracia”<sup>19</sup>.

Assim, a questão do não-poder se coloca neste ponto para Krenak à medida que “os índios estão fora daquele poder que está na representação política, que está no concerto do que chamamos de República, de democracia”. A frase *índios no pueden* faz sentido à medida que os povos indígenas concebem o não-poder como “outras formas de fazer o que nós chamamos de política”, abrindo um diálogo sobre “formas de autogoverno, de autogestão, de organização comunal, outras formas de combinação, outro tipo de desenvolvimento”<sup>20</sup>.

Constata-se aí o duplo aspecto desse “não-poder”: o de rejeição da concepção de poder dos brancos, calcada na representação política; e o de efetivação de modelos outros, que coloquem em funcionamento relações não baseadas na concentração de poder. Krenak propõe, no lugar do desenvolvimento dos brancos, o envolvimento com o mundo partilhado como postura política. Nessa dimensão cósmica se compreende que as fronteiras nacionais só existem para barrar grupos excluídos, destinados à miséria, e para criar novas lógicas de perversão do comum.

Desse modo, a insuficiência do embate político na esfera interna de instituições nacionais (que atendem a imperativos externos) e a necessidade de se pensar um novo

18 “A realidade do Brasil, depois de inaugurar uma experiência de distribuição de renda, de abrir para novos sujeitos sociais interagirem, trazer 20, 30 milhões de pessoas que viviam abaixo da linha da pobreza para o mercado, abrir acesso à informação, botar na universidade uma parte dessa população que estava excluída, criar fluxos entre as classes, foi brutalmente interrompida, com o Estado cortando tudo, a classe política inteiramente rendida ao mercado financeiro, ao capital. A ideia de que o Brasil tem que suprir o mundo, aquela velha ideia de que nós somos o celeiro do mundo, tomou conta, retomou as linhas tradicionais do colonialismo, e nós estamos dentro mesmo dessa coisa abissal. Nós somos a parte do mundo que está condenada ao subdesenvolvimento e a reproduzir a força de trabalho em condições análogas à escravidão, com nossa paisagem disponível para ser assaltada para suprir a demanda do mercado internacional. Não tem outro jeito de olhar a nossa realidade do que criticamente. Senão a gente vai ficar com a ilusão, achando que nós vamos fazer um arranjo regional, eleger alguém esclarecido que vai retomar o processo de organização do Estado, de investir em desenvolvimento, em cultura. Ficar alimentando esse tipo de ilusão sobre a nossa realidade próxima dá mais força para o pensamento conservador que está invadindo o nosso cotidiano (KRENAK, A., “Outras narrativas”, em *Ailton Krenak*, 2017, p. 22-23).

19 KRENAK, A., “Outras narrativas”, em *Ailton Krenak*, 2017, p. 15.

20 KRENAK, A., “Outras narrativas”, em *Ailton Krenak*, 2017, p. 23.

estatuto para a política e uma nova organização a que possamos chamar de *política por aproximação*, conduz à necessidade de uma organização que vá além das fronteiras do Estado-nação e da pauta da representação tradicional. Ainda que as novas práticas estejam abertas para um diálogo a partir do vocabulário político existente, elas apontam para formas inventivas de um fazer político que não atende à atual lógica, uma vez que dedicado ao comum, vale dizer, às condições de vida para todos, aí incluindo o planeta<sup>21</sup>.

Eu não fico feliz de constatar essa realidade que eu considero ser global. Eu não consigo mais, meus amigos, fazer nenhum debate pensando em Brasil, América Latina, Hemisfério Sul. Quando eu estou conversando sobre alguma coisa, eu penso como alguém que está em algum lugar do planeta Terra. Eu não consigo pensar num lugar separado do resto do mundo. Tudo o que eu fizer aqui tem consequência no mundo inteiro<sup>22</sup>.

Quem é o agente desta luta global?

### um sujeito coletivo

É preciso lembrar quem somos, de onde viemos e como nos formamos. No lugar do “indivíduo vitorioso”, Ailton Krenak propõe o “sujeito coletivo”: “minha história é a experiência coletiva do meu povo. A minha história, de maneira nenhuma, se resume ao conjunto de documentos públicos que o governo me deu”<sup>23</sup>. Esse sujeito forma e é formado pela coletividade e não credita a si gênio, talento ou mérito.

As minorias são plurais e formam coletivos. Mas será que, no plano geral da sociedade, as coletividades são efetivamente minorias? Krenak ensina: “[t]emos que fazer um discurso das maiores minorias. Se você juntar todas as minorias que estão sendo assaltadas, nós vamos concluir que é uma vasta maioria”<sup>24</sup>.

No filme *O sonho da pedra* ele nos alerta a ter cuidado com esta contabilidade de consequências simbólicas perigosas:

“[somos] uma minoria tão, tão pequena que a nossa esperança deve ser posta num lugar seguro. É por isso que nós estamos fazendo esse fogo, essa vigília. Porque se você olhar isso só com racionalidade, só na contabilidade dos brancos, nós já perdemos essa guerra há muito tempo”.

É possível que sejamos uma minoria. Ocorre que o olhar do ponto de vista do número, esteado na contabilidade e na racionalidade típicas dos brancos, leva à conclusão da derrota. Mas este não é o único olhar possível. Há sentidos para além dele. Mais que reivindicar a posição de minoria, pode-se abdicar de insistir na separação entre grupos e povos, em manter muros incontornáveis, e pensar nas pontes que nos relacionam.

21 “Quando nós falamos da Terra, nós não falamos de um sítio, de uma fazenda ou de um latifúndio, nós falamos do planeta como um organismo vivo. Nós somos filhos desse organismo vivo. E nós ficamos de pé.” (KRENAK, A. “Índios em movimento”, em *Ailton Krenak*, RJ: Azougue, 2017, p. 51-52).

22 KRENAK, A., “Outras narrativas”, em *Ailton Krenak*, 2017, p. 33.

23 No filme *O sonho da pedra* e em “Trajetos e ruínas”, *Ailton Krenak*, 2017, p. 132.

24 KRENAK, A., “Outras narrativas”, em *Ailton Krenak*, 2017, p. 19.

Essa vasta maioria pode estabelecer uma pauta comum, um projeto comum que esteja baseado na preocupação com a sobrevivência uns dos outros e da Terra, que também é um ser vivo e possui a sua própria trajetória de vida<sup>25</sup>. Esse projeto comum depende de articulações entre sujeitos coletivos, grupos, povos. É o que ora Ailton Krenak denomina de *aliança afetiva* e, outrora, de *encontro*.

### **alianças afetivas**

Ailton Krenak conta que entre 1950 e 1960 sua família vivia um processo de confinamento que lhe compelia a enxergar barreiras insuperáveis:

Olhando desse lugar você podia ficar prostrado, se deprimir, se suicidar, virar alcoólatra, pifar ou se agarrar a uma resistência ditada pelas histórias, pelas narrativas, e ficar reproduzindo os recursos que você tinha, as técnicas de mexer na roça, de manter aquela economia de subsistência, sentindo essa pressão externa incômoda. Ou então podia tentar abrir alguma brecha nessa muralha de ignorância, de negação. E essa brecha a ser aberta apareceu para mim como uma invenção<sup>26</sup>.

A abertura lhe parecia uma quase impossibilidade: “[o] vizinho mais próximo que tínhamos era o cara que mais negava a nossa existência”. Contudo, era preciso ir além da superfície das fronteiras sociais e dimensionar o muro do seu alto ou do além. Era preciso agir pra superar a “marca fundamental da relação” com o Outro, o conflito.

Eu me neguei muito cedo a ficar observando as janelas só como se fossem rotas de fuga. Eu não queria tomá-las desse modo, mas queria elege-las algumas dessas saídas como uma possibilidade criativa de interação com o que viesse pela frente. Em vez de o mundo ser só fechadura e impossibilidade, em vez de ele ser cheio de trancas, ele passa a ser cheio de janelas. Essas janelas todas vão ganhando um sinal positivo, de possibilidade de troca<sup>27</sup>.

Algumas das aberturas para o Outro, vistas como sinal de vulnerabilidade, passam a ser entendidas como possibilidades de novas criações conjuntas e novas formas de ser. As **janelas** são a imagem dessa passagem, um dos lugares possíveis-já-existent de trânsito e troca entre mundos.

Então, aliança na verdade é um outro termo para troca. Eu andei um pouco nessa experimentação até que consegui avançar para uma ideia de alianças afetivas – em que a troca não supõe só interesses imediatos. Supõe continuar com a possibilidade de trânsito no meio de outras comunidades culturais ou políticas, nas quais você pode oferecer algo seu que tenha valor de troca. E esse valor de troca supõe continuidade de relações. É a construção de uma ideia de que seu vizinho é para sempre<sup>28</sup>.

25 KRENAK, A., “Em busca de uma Terra sem tantos males”, *Ailton Krenak*, 2017, p. 95-97.

26 KRENAK, A. “Alianças vivas”, em *Ailton Krenak*, 2017, p. 60.

27 KRENAK, A. “Alianças vivas”, p. 61.

28 *Idem, ibidem*.

As janelas permitem a formação de alianças que são trocas. Porém, não uma troca qualquer: enquanto a troca colonial, longe de semear o chão, está baseada no imediatismo dos interesses de quem só almeja colher (vantagens) e saquear o caminho, a aliança afetiva se ancora na construção de uma relação de dádiva permanente com o Outro.

Na relação colonial os laços são de circunstância, “as pessoas são só uma passagem para alcançar algum outro lugar, algum outro acesso”. As pessoas são descartáveis, não se dão tempo, não constroem ideias juntas, não estabelecem afetos espontâneos.

Nas palavras de Davi Kopenawa Yanomami, não há conhecimento de si e do outro, apenas esquecimento. “Esse esquecimento é percebido na pouca duração das relações que tal pensamento consegue sustentar. Como ele não consegue sustentar relações por tempo indeterminado, num tempo aberto, você acaba demarcando o tempo das relações”. Diferentemente, as alianças afetivas demandam um investimento na duração vivida só e em convivência com o Outro. Só assim se torna realidade a dilatação do tempo-espaço que se abre para novas conexões entre os seres da Terra e entre eles e ela.

### “para a gente ver outros mundos”

“E uma vez os Caxinauás estavam neste lado da serra e olharam o Sol se pondo do lado de cá. À noite eles falaram comigo: ‘tem um portal ali do outro lado da montanha!’. Eu ainda não tinha visto, mas fiquei muito contente de saber que eles estavam vendo aberturas nestas montanhas, porque elas me atraíram exatamente por causa da força que elas têm, são muito antigas” (*O sonho da pedra*).

Ailton Krenak observa que o mundo em que vivemos alimenta uma “**estética do excesso**”, uma lógica com imensa quantidade de informações que nos atravessam. São dados não elaborados por quem os emite e que não possuem receptor. Sobram palavras, mas há pouca escuta e pouca reflexão. As montanhas de tarefas, números e trabalhos impedem a vivência do tempo para “ouvir, pensar, ler”, ou seja, inviabilizam o tempo para viver.

É como se a gente estivesse trabalhando com uma estética do excesso. Excesso de texto, excesso de imagem, excesso de informação, de som, chapando tudo. E pouca reflexão, tempo para ouvir, pensar, ler. No sentido de viver mesmo, não só de olhar. A recepção dessas mensagens, dessa comunicação, é essencial. Só a emissão não é o suficiente. É preciso recepção. Alguém do outro lado, ouvindo essa canção, é necessário<sup>29</sup>.

A estética do excesso surge na era da angústia da certeza, “linha que divide os povos que têm história e os que passariam a ter mito”. Os que ultrapassam essa linha passam a ter certeza de que vão poder controlar aquele lugar onde estão vivendo, aquela paisagem, que vão conseguir através do conhecimento, da ciência, da experimentação, controlar a passagem do tempo, as mudanças dos ciclos do plantio e da colheita, até chegar a esse extremo que nós

29 KRENAK, A., “Outras narrativas”, em Ailton Krenak, 2017, p. 31.

experimentamos hoje, no qual não dependemos mais do humor da Terra para a nossa produção, tanto da nossa produção material quanto da nossa produção de ideias<sup>30</sup>.

Nessa era, o sagrado se torna um recurso disponível, desencantado e desencarnado. A técnica passa se autorizar a tudo manipular em nome do exercício de certa razão neutra que só vê seu próprio mundo.

De outro modo, a possibilidade de visitar outros cosmos depende de uma abertura no interior dessa angústia, em que o tempo se dilate em espaços. “Dilatar esse tempo ordinário das nossas relações e possibilitar a criação de vazios para as visões, para os sentimentos das pessoas, para as elaborações que um coletivo pode ter sobre aquilo que é o sonho”<sup>31</sup>. Nesse sentido, a dilatação do tempo é uma expressão de resistência. A elaboração dos **sonhos coletivos** depende dessa permanência das relações em tempos dilatados.

Quando você tem uma experiência de dilatação do tempo, começa a pensar em períodos muito mais abertos. É quando meu pensamento consegue tocar uma ideia que vai além da percepção de um sítio, de um território, de determinado lugar da geografia, e começo a pensar nesse ambiente que nós compartilhamos, que é a Terra, que é um planeta. Quando seu espírito alcança essa compreensão, como uma criança que está começando a conhecer o alfabeto, a conhecer os primeiros exercícios, ela também começa a expandir a percepção e a capacidade de universalizar o seu discurso, de alcançar outras galáxias. Isso, para mim, é o que eu poderia experimentar como uma ideia de cosmovisão. Não é uma visão total, ela é uma visão aberta<sup>32</sup>.

A dilatação do tempo conecta não apenas os sujeitos coletivos do mesmo povo, mas de outros mundos e galáxias, propondo alianças que vão além da espécie humana. Nessa abertura, percebe-se a “aliança é troca com todas as possibilidades, sem nenhuma limitação”, são relações que superam o social e alcançam as potências naturais<sup>33</sup>.

O tempo da técnica é o tempo da exploração e do utilitarismo. As alianças dependem de um tempo dilatado que não transforme a si e ao outro em usuário, mas que, ao contrário, seja capaz de permitir o pensamento em mundos intercambiáveis, que vazem todas as fronteiras e permitam a comunicação em transmundos.

Como o contato com o Outro se renova diariamente, há sempre a possibilidade de mudança do passado. A todo instante se abre a possibilidade de surgimento de uma nova relação, de um efetivo encontro<sup>34</sup>. Para tanto, não basta a vontade individual, é preciso

30 KRENAK, A. “Alianças vivas”, em Ailton Krenak, 2017, p. 71-72.

31 KRENAK, A. “Alianças vivas”, p. 62. E mais adiante: “As paisagens se sucedem, ou então não são paisagens. Quando nós acabamos com todas as paisagens da Terra, nós entramos em coma. Então, aquela ideia de dilatar o tempo... dilatar o tempo é não deixar isso acontecer. Cantar e dançar para suspender o céu, que é uma experiência comum a muitos povos no planeta inteiro, é dilatar o tempo. Quando você canta e dança e suspende o céu você está dilatando o tempo” (p. 67).

32 KRENAK, A. “Alianças vivas”, p. 62-63.

33 KRENAK, A. “Alianças vivas”, em Ailton Krenak, 2017, p. 64.

34 KRENAK, A. “O eterno retorno do encontro”, in: NOVAES, A., A outra margem do Ocidente, SP: Companhia das Letras, 1999, p. 25.

“um esforço de cultura”, “um esforço de ampliação e de iluminação de ambientes da nossa cultura comum que ainda ocultam a importância que o Outro tem, que ainda ocultam a importância dos antigos moradores daqui, os donos naturais deste território”<sup>35</sup>. É preciso que se expanda a “consciência da humanidade de que tudo o que fizemos aqui agora tem consequência no planeta inteiro”<sup>36</sup> e que, portanto, já estamos interligados.

### **guerrilha cultural e paraquedas coloridos**

O tempo do encontro não cabe em uma O tempo do encontro não cabe em uma política pública no sistema em que vivemos. Embora o diálogo com o Estado seja importante, é preciso manter a capacidade infinita de reinvenção. Acomodar-se possui o significado de uma rendição ao mundo da mercadoria. Contra essa situação Krenak propõe a **guerrilha cultural**:

Se a minha guerrilha cultural tiver que reconhecer alguma capacidade local ou alguma potência numa ação local a primeira coisa que ela vai procurar saber é se ela é capaz de produzir o pão de cada dia. O pão de cada dia pode ser dançar, cantar, mas na minha percepção, na minha apropriação da palavra, a guerrilha cultural significa só que você não tá enquadrado e como você não tá enquadrado você não tem um programa que pode ser adaptado pra política pública da cultura. Você não quer subsidiar o programa de política pública de cultura. Você quer continuar alimentando a capacidade infinita de reinventar, de revolucionar, de virar o negócio ao avesso, que tem que ser a expressão da cultura. Senão vira acomodação<sup>37</sup>.

Essa acomodação se estruturou na vida do Ocidente e alcançou até mesmo a ciência, que desde então se mostra incapaz de reflexão e de criação. Cada novidade da indústria farmacêutica acena para mundos “que só reproduzem a nossa experiência de perda de liberdade, de perda daquilo a que podemos chamar inocência. O mundo transformou-se numa fábrica de consumir inocência”. Não por acaso, não temos mais cientistas:

Toda pessoa que seja capaz de trazer uma inovação nos processos que a gente conhece é capturada pela máquina de fazer coisas, da mercadoria. Antes dessa pessoa contribuir, em qualquer sentido, para abrir uma janela de respiro para esta nossa ansiedade de perder o seio da mãe, vêm logo com um aparato artificial para dar mais um tempo de canseira na gente<sup>38</sup>.

O mundo virou uma máquina de destruição. A própria ciência que prometeu nos salvar, com seus ideais iluministas, calcula como nos moer com mais rigor e melhor precisão. A racionalidade imperante é “um abuso do que chamam de razão”<sup>39</sup>. A humanidade racional abusa da razão, age irracionalmente; a sub-humanidade do mito e do sonho demonstra

35 KRENAK, A. “O eterno retorno do encontro”, p. 28.

36 KRENAK, A., “Outras narrativas”, em Ailton Krenak, 2017, p. 33.

37 KRENAK, A., “Entrevista com Ailton Krenak – militante do Movimento Indígena”, União campo cidade floresta, 23.12.2010. Disponível em: <https://uniaocampocidadeefloresta.wordpress.com/2010/12/23/entrevista-ailton-krenak-militante-do-movimento-indigena/>. Acesso em abril de 2019.

38 KRENAK, A. “A humanidade que pensamos ser”, em Ailton Krenak, São Paulo: Azougue, 2017, p. 140.

39 KRENAK, A. “Para adiar o fim do mundo”, p. 19.

sensatez, mas perde o jogo.

Não há como evitar a visão de queda que se apresenta diante de nossos olhos. O que nos faz temê-la talvez seja o destino ditado por esta humanidade. Sucede que há outros saberes que nos relatam outras narrativas e que “nos ensinam mais”<sup>40</sup>: são **histórias**, cantos, viagens, conversas de povos vivos que nos apontam para a vida que existe para além da técnica; é lá que a vida se encontra. Nestas narrativas aprendemos, ainda, que já caímos muitas vezes antes desta, que o mundo acabou outras vezes e que, ultimamente, só temos feito cair mais e mais<sup>41</sup>.

“Então, talvez o que a gente tenha de fazer é descobrir um paraquedas. Não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas. Paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos, já que aquilo de que realmente gostamos é de gozar, de ter prazer, de viver no prazer aqui na Terra”<sup>42</sup>.

“Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos”<sup>43</sup>.

De que lugar se projetam os paraquedas coloridos? Ailton Krenak responde: “[d]o lugar onde são possíveis as visões e o sonho”<sup>44</sup>.

### “para salvar a nós mesmos”

A Terra é nossa casa comum. Sua contínua despersonalização em objeto nos tornará órfãos<sup>45</sup>. A generalidade dessa ameaça, que diariamente recolocamos sobre nossas cabeças, nos obrigará a compor *redes de relações e redes de solidariedade* que rompam a limitada margem de nossa humanidade. Nesta hora, para salvar a nós mesmos, seremos capazes de contrariar nossa “velha disposição para a servidão voluntária”<sup>46</sup>?

Falta-nos sonhar, alerta Krenak. Todas as ricas imagens de possíveis já existentes – janelas, guerrilha cultural, alianças afetivas, paraquedas coloridos, sonhos, histórias, cantos, danças – são modos de resistência que permitem adiar o fim do mundo, suspendendo o céu. “Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que estes tempos que nós vivemos quer consumir”<sup>47</sup>.

Estes portais ampliam nossa consciência para a existência de outros mundos, que

40 KRENAK, A. “Para adiar o fim do mundo”, p. 30.

41 Em “Do sonho e da terra”, Ailton Krenak alude ao rompimento da barragem do Fundão pela mineradora Samarco (da Vale e BHP), em novembro de 2015, como um evento que deixou muitos povos órfãos, colocando-os “na real condição de um mundo que acabou” (Para adiar o fim do mundo, 2019, p. 42).

42 KRENAK, A. “A humanidade que pensamos ser”, em *Ailton Krenak*, São Paulo: Azougue, 2017, p. 140.

43 KRENAK, A. “Para adiar o fim do mundo”, p. 30.

44 KRENAK, A. “A humanidade que pensamos ser”. In: KRENAK, Ailton Krenak, São Paulo: Azougue, 2017, p. 141.

45 KRENAK, “Do sonho e da terra”, p. 47 e 49-50.

46 KRENAK, “Do sonho e da terra”, p. 44-45; “Para adiar o fim do mundo”, p. 13.

47 KRENAK, A. “Para adiar o fim do mundo”, p. 32.

são os outros sujeitos coletivos, pedras, animais, plantas; nos permitem enriquecer nossas subjetividades com as subjetividades tão ricas do pluriverso. Como o sonho, são estes os lugares do contato entremundos<sup>48</sup> que se abrem para as múltiplas cosmovisões quando somos capazes de dilatar o tempo. Saberemos criar este outro tempo?

## REFERÊNCIAS

KRENAK, Ailton. “A humanidade que pensamos ser”. In: Kaká Werá (Org. Coleção), *Ailton Krenak*. RJ: Azougue, 2017. (O texto também foi publicado em KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 57-72).

\_\_\_\_\_. “Alianças vivas”. In: Kaká Werá (Org. Coleção), **Ailton Krenak**. RJ: Azougue, 2017.

\_\_\_\_\_. “Do sonho e da terra”. In: KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 37-55.

\_\_\_\_\_. “Em busca de uma Terra sem tantos males”. In: Kaká Werá (Org. Coleção), **Ailton Krenak**. RJ: Azougue, 2017.

\_\_\_\_\_. “Entrevista com Ailton Krenak – militante do Movimento Indígena”. **União Campo-Cidade-Floresta**, 23.12.2010. Disponível em: <https://uniaocampocidadeefloresta.wordpress.com/2010/12/23/entrevista-ailton-krenak-militante-do-movimento-indigena/>. Acesso em abril de 2019.

\_\_\_\_\_. “Ideias para adiar o fim do mundo”. In: KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 7-35.

\_\_\_\_\_. “Índios em movimento”. In: Kaká Werá (Org. Coleção), **Ailton Krenak**. RJ: Azougue, 2017.

\_\_\_\_\_. “O eterno retorno do encontro”. In: NOVAES, A., **A outra margem do Ocidente**, SP: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. “Outras narrativas”. In: Kaká Werá (Org. Coleção), **Ailton Krenak**. RJ: Azougue, 2017.

\_\_\_\_\_. “Paisagens, territórios e pressão colonial”, **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 327-343, jul./dez. 2015.

\_\_\_\_\_. “Trajetos e ruínas”. In: Kaká Werá (Org. Coleção), **Ailton Krenak**. RJ: Azougue, 2017.

YANOMAMI, Davi Kopenawa; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

## VIDEOGRAFIA

*Ailton Krenak: o sonho da pedra* (Dir. Marco Alberg, 2018, 52’).

Índios no Poder (Dir. Rodrigo Arajeju, 2015, 21’).

48 KRENAK, A. “Do sonho e da terra”, p. 51-52.

## **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

**DENISE PEREIRA** - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas (2010), Especialista em História, Arte e Cultura (2008), Bacharel em História (2006), pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Especialista em Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento (2019), pela Censupeg. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

**JANAÍNA DE PAULA DO ESPÍRITO SANTO** - Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (2018), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2005), graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2001). Atualmente é professora assistente da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aldeia Tuxa 51

Amazônia 13, 17, 43, 44, 45, 75, 76, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 105, 130, 160, 175, 218, 250, 252, 259, 269

Ancestralidade 89, 90, 92, 97, 98, 100, 101, 104, 113, 151, 152, 156, 157, 158

Audiovisual 99, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 116

### C

Comunidades Nativas 160, 162, 165, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184

Construção de Currículo 13

Criança Guarani 1

Curtas Metragens 107, 109

### D

Descolonização 89

Disputa 229, 235, 243, 249, 274

### E

Educação Escolar 1, 2, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 21, 22, 27, 30, 35, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 70, 75, 76, 121, 202, 203, 206, 207, 208, 210, 216, 224

Educação Intercultural 8, 14, 22, 24, 35, 63

Escolas Indígenas 7, 8, 11, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 26, 29, 32, 34, 53, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 67, 68, 74, 76, 92, 202

Escravidão Indígena 248

Espiritualidade 94, 141, 146, 148, 156, 158

### I

Indígenas Karipuna 258

### L

Léxico Indígena 77, 80, 81, 83, 85

Língua Ameaçada 12, 202

### M

Memórias 10, 65, 66, 88, 89, 91, 92, 95, 102, 110, 116, 119, 132, 135, 144

## **O**

Oralidades 119

## **P**

Políticas 15, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 34, 48, 54, 64, 65, 67, 68, 75, 89, 111, 123, 127, 129, 136, 145, 149, 163, 178, 191, 200, 202, 203, 204, 205, 208, 214, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 244, 249, 251, 253, 270, 277

Políticas de Fortalecimento 202

Práticas Inclusivas 23, 24, 29, 31, 33, 34

## **R**

Resistências 90, 132, 144, 271



# Culturas e História dos Povos Indígenas

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 



Atena  
Editora

Ano 2020



# Culturas e História dos Povos Indígenas

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 



Atena  
Editora

Ano 2020